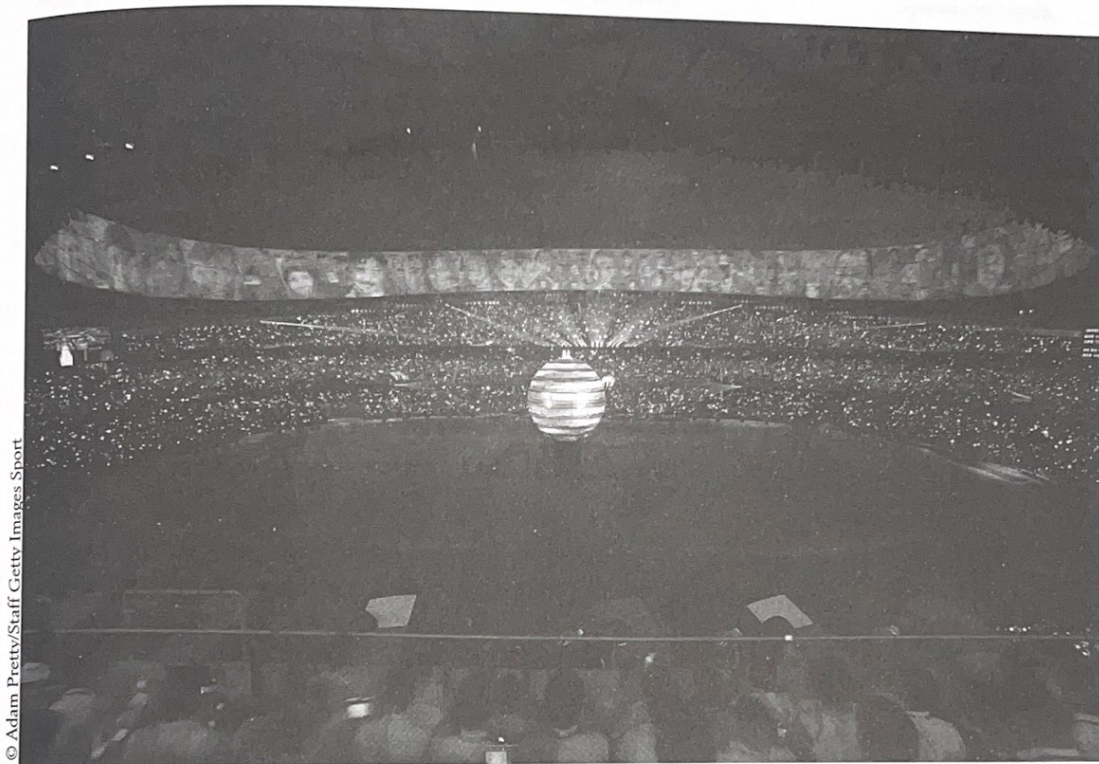


# Mudanças globais e o papel da antropologia



© Adam Pretty/Staff Getty Images Sport

## INTRODUÇÃO VISUAL

Desde o início da Revolução Industrial, há quase dois séculos, a tecnologia moderna vem radicalmente aumentando ou aprimorando a produção, os transportes e as comunicações em todo o mundo. Durante esse período, a população humana cresceu de 1 bilhão para cerca de 7 bilhões e surgiu uma rede de interligação mundial. Na busca por recursos naturais (alimentos, combustíveis e outras matérias-primas) e por mercados para os produtos industrializados, as pessoas trabalham, negociam, colaboram e competem entre si, transformando a cultura e o meio ambiente. Os Jogos Olímpicos são singulares entre os muitos elos nessa rede mundial. Inspirados pelo evento esportivo realizado em Olímpia, 2.000 anos atrás, esses jogos se tornaram um espetáculo global, com milhares de atletas de todo o planeta competindo em um país diferente a cada quatro anos. No mundo atual – em que os estados poderosos conquistaram e destruíram muitas nações menores e dezenas de milhões de pessoas morreram em guerras em todo o mundo – tal evento esportivo é um ritual importante, que celebra a paz internacional em uma rivalidade amistosa por medalhas e prestígio. A imagem acima mostra a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2008, na China.

**Modernização na era da globalização****Uma cultura transnacional global?**

- Problema de uma cultura global
- Sociedades pluralistas e multiculturalismo
- Sociedades pluralistas e etnocentrismo

**Poder estrutural na era da globalização**

- Poder duro (*hard power*) militar
- Poder duro (*hard power*) econômico: o surgimento das corporações globais
- Poder brando (*soft power*): um ambiente de mídia global

**Problemas de violência estrutural**

- Superpopulação e pobreza
- Fome e obesidade
- Poluição e aquecimento global

**Reações à globalização**

- Minorias étnicas e povos indígenas: a luta pelos direitos humanos
- Migrações globais: refugiados, migrantes e comunidades de diáspora

**Considerações finais****Resumo do capítulo**

De modo superficial, a antropologia é descrita por aqueles que não a conhecem muito bem como uma disciplina exótica, cujo interesse principal são eventos que aconteceram há muito tempo, em lugares distantes. O estereótipo mais popular é o de que o antropólogo devota de maneira exclusiva sua atenção para escavar o passado e descrever as últimas comunidades tribais com modo de vida tradicional. No entanto, como se pôde notar em todo este livro, o antropólogo também investiga o funcionamento das sociedades industriais e pós-industriais. Na verdade, muitos estão interessados na grande diversidade de culturas humanas, no passado e no presente, em suas semelhanças e diferenças e nas múltiplas formas de influência que uma pode ter sobre a outra.

No período atual, marcado por mudanças rápidas e radicais em todo o mundo, muitos antropólogos imaginam o que os processos de globalização poderão criar e o que será transformado, interrompido ou danificado, sem possibilidade de reparação. Quando comunidades tradicionais estão expostas a contato intenso com grupos com mais poder tecnológico, sua cultura geralmente se modifica a uma velocidade sem precedentes, no geral para pior, oferecendo menos apoio e tornando-se menos adaptativa. Uma vez que a globalização está crescendo, somos compelidos a perguntar: de que maneira as milhares de sociedades diferentes respondem com êxito às mudanças radicais impostas a elas?

## MODERNIZAÇÃO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Um dos termos usados com mais frequência para descrever as mudanças sociais e culturais, à medida que acontecem, é **modernização**. Isto é mais claramente definido como um amplo processo de mudanças econômicas, através do qual as sociedades em desenvolvimento adquirem algumas características políticas e sociais comuns das sociedades industriais ocidentais.

A ideia predominante implícita nesse conceito é a de que “ser moderno” é ser como as sociedades da Europa Ocidental, da América do Norte e outras sociedades industriais ou pós-industriais ricas; não ser assim significa estar preso ao passado, ser retrógrado, inferior e que precisa de melhorias. É lamentável que o termo *modernização* continue a ser tão amplamente utilizado. O melhor que podemos fazer aqui é reconhecer sua tendenciosidade limitada pela cultura, mesmo que continuemos a empregá-lo.

### GLOSSÁRIO

**modernização** Processo de mudança econômica, através do qual as sociedades em desenvolvimento adquirem algumas características políticas e sociais das sociedades industriais ocidentais. Apresenta cinco subprocessos importantes: desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento agrícola, urbanização, industrialização e telecomunicação.

O processo de modernização nas sociedades de todo o mundo pode ser mais bem entendido por meio de cinco subprocessos, todos inter-relacionados sem ordem fixa:

- *Desenvolvimento tecnológico*: no curso da modernização, o conhecimento e as técnicas tradicionais abrem caminho para a aplicação do conhecimento e de técnicas científicas emprestadas, em especial, do Ocidente industrializado.
- *Desenvolvimento agrícola*: está representado pela mudança na ênfase da agricultura de subsistência para a comercial. Em vez de cultivar alimentos e criar animais para consumo próprio, as pessoas mudam, cada vez mais, para a produção de safras comerciais, com dependência maior da economia e dos mercados globais para vender seus produtos e comprar os bens de que necessitam.
- *Urbanização*: este subprocesso é marcado particularmente pela mudança da população, de áreas rurais para as cidades.
- *Industrialização*: a tração animal e a humana são menos importantes, a ênfase está nas formas materiais de energia, principalmente os combustíveis fósseis, para movimentar as máquinas.
- *Telecomunicações*: o quinto subprocesso, e também o mais recente, envolve o processamento e a divulgação, através da mídia eletrônica e digital, de notícias, preços de *commodities*, moda e entretenimento, assim como de opiniões políticas e religiosas. As informações são amplamente difundidas para uma grande audiência, muito além das fronteiras nacionais.

Em todas as chamadas regiões subdesenvolvidas do mundo, na África, na Ásia, nas Américas Central e do Sul e em outros lugares, países inteiros estão lutando contra o sofrimento provocado por mudanças políticas e econômicas radicais e a total transformação cultural. Na verdade, as invenções e os principais avanços da produção industrial, transporte de massa e tecnologias de comunicação e informação também estão modificando as sociedades na Europa e na América do Norte. Como discutimos no Capítulo 1, esse processo mundial de modernização acelerada, em que todas as partes da Terra estão se interligando através de um imenso sistema inter-relacionado abrangente é conhecido como *globalização*, que se evidencia nos movimentos globais de recursos naturais, produtos comercializáveis, mão de obra, capital financeiro, informação e doenças infecciosas.

Em todo o mundo, testemunhamos a remoção das atividades econômicas, ou pelo menos o controle delas, da esfera da família e da comunidade. Também observamos a alteração da estrutura familiar em virtude das mudanças no mercado de trabalho: as crianças dependem cada vez mais apenas da afeição dos pais, não têm a afeição da família extensa; o declínio da autoridade dos pais; a escola substituindo a família como unidade primária de educação; os idosos passando os últimos dias de vida em casas de repouso, e não com a família; a eliminação de muitos direitos e deveres consuetudinários ligados ao parentesco, e diversas outras mudanças.

Em muitas sociedades, esse processo de modernização está ocorrendo muito rápido, em geral, sem o tempo necessário para o ajuste gradual. Nos países em desenvolvimento, mudanças realizadas durante várias gerações estão ocorrendo no período de apenas uma geração. Nesse processo, as culturas frequentemente enfrentam rompimentos imprevistos e rápida erosão de valores que não tinham intenção nenhuma de mudar. Os antropólogos que realizam pesquisa de campo em comunidades distantes, em todo o mundo, são testemunhas de como essas culturas tradicionais têm sido influenciadas, com frequência destruídas, pelas poderosas forças globais.

## UMA CULTURA TRANSNACIONAL GLOBAL?

Apesar da imensa distância geográfica, sempre houve interação entre as populações humanas. Há quase cinco séculos, o primeiro navio conseguiu circunavegar a Terra, uma jornada de quase três anos, completada em 1522, com custo muito alto. Quatro dos cinco navios espanhóis foram perdidos, a maior parte da tripulação morreu, assim como Fernão de Magalhães, que liderou a épica viagem de descobertas.

Desde então, os povos que vivem nas áreas mais remotas do mundo mantêm contato entre si, direta ou indiretamente. Muitos se beneficiaram com as novas oportunidades e prosperaram, aproveitando os novos produtos, como açúcar, especiarias, tabaco, seda e outros mais exóticos. Milhões, entretanto, morreram em epidemias terríveis ou guerras brutais, ou foram forçados a trabalhar como escravos.

Há aproximadamente dois séculos, a invenção da máquina a vapor e de outros equipamentos provocaram a Revolução Industrial, com produção em larga escala e expansão da rede de transporte de navios e trens a vapor. O transporte em massa moderno e as revoluções recentes na tecnologia de telecomunicações (da imprensa ao telégrafo e ao telefone, ao rádio, à televisão, aos satélites e à internet) possibilitam a troca de mais informações, produtos e serviços entre um maior número de pessoas, com mais rapidez e em distâncias maiores. Obviamente, o fluxo global de pessoas, produtos e ideias apresenta papel importante na mudança cultural.

Uma crença popular, desde meados da década de 1990, é a de que no futuro vai haver uma única cultura mundial homogênea. Essa ideia baseia-se principalmente na observação de que os desenvolvimentos tecnológicos na comunicação, nos transportes e no comércio fazem com que cada vez mais, em todo o mundo, as pessoas assistam aos mesmos programas de televisão, leiam os mesmos jornais, comam os mesmos alimentos, usem o mesmo tipo de roupa, pratiquem os mesmos esportes, ouçam as mesmas músicas e se comuniquem via satélite e internet.

Certamente, é impressionante o nível de disseminação de itens como roupas, músicas, filmes, sanduíches e bebidas ocidentais por todas as partes do mundo. E parece que muitos países, Japão, por exemplo, praticamente se ocidentalizaram. Além disso, ao avaliar os últimos 5.000 anos da história humana, vemos que as unidades políticas tendem a ficar cada vez maiores e mais abrangentes, mas em menor número. O resultado lógico seria a redução das unidades políticas autônomas em uma única que abrangeria o mundo inteiro.

No entanto, com informações da pesquisa comparativa transcultural e histórica, os antropólogos chamam a atenção para algo que todos os grandes estados, em todos os períodos da história, têm em comum: tendência à divisão. Não apenas os grandes impérios do passado, sem exceção, se dividiram em várias unidades menores independentes, mas estados em praticamente todas as partes do mundo atual mostram essa mesma tendência de fragmentação, geralmente ao longo de divisões étnicas e geográficas de importância.

A ameaça de colapso político está sempre presente em estados multiétnicos, em especial quando são países extensos, com relevo que dificulta a movimentação e sem uma força cultural unificadora principal, como uma língua nacional. É o que vem acontecendo, por exemplo, no Afeganistão. É um país montanhoso e imenso, habitado por vários grupos étnicos importantes, incluindo os pashtunes, que habitam, em especial, o sul, e os tadjiques, uzbeques, hazaras e turcomanos, que habitam principalmente o norte. Embora os pashtunes sejam em maior número e formem o grupo

dominante nos últimos 200 anos, nunca conseguiram realmente impor sua vontade política sobre os demais grupos étnicos, que se mantêm bastante independentes. Tampouco conseguiram transformar sua língua nativa, o paschtu, em idioma nacional.

A tendência de divisão dos estados multiétnicos se mostra notável desde o fim da Guerra Fria, entre Estados Unidos e a antiga União Soviética, em torno de 1990. Por exemplo, em 1991, houve a dramática divisão da União Soviética em várias repúblicas independentes, Rússia, Cazaquistão, Ucrânia e Geórgia, entre outras. Em 2008, quase dezessete anos após a Geórgia ter conseguido a própria independência, como estado internacionalmente reconhecido, essa república multiétnica tornou-se menor quando duas de suas regiões etnicamente distintas, Ossétia do Sul e Abecásia, separaram-se oficialmente após anos de pressão. Depois de declarar a independência, a Abecásia e a Ossétia do Sul buscam o reconhecimento internacional como pequenas repúblicas soberanas.

Essa tendência de divisão dos estados multiétnicos também pode ser observada em movimentos separatistas como os dos povos falantes de francês, no Canadá; dos bascos, na Espanha; dos tibetanos, na China; dos karen, em Burma (Mianmar); dos tamils, no Sri Lanka; dos curdos, na Turquia, no Irã e no Iraque, e muitos outros. Os Estados Unidos também não estão imunes, pois as nações indígenas procuram garantir maior autodeterminação política nas próprias reservas.

Talvez estejamos chegando ao ponto em que a tendência de expansão das unidades políticas, um número menor de unidades maiores, seja eliminada pela tendência de fragmentação, um número maior de unidades menores. No entanto, há alguns exemplos de reunificação. A mais conhecida é a da Alemanha, em 1990, dividida desde o fim da Segunda Guerra Mundial em República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) e República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), em uma única grande república federal. Outra exceção de destaque é a recente integração de vinte e sete países na União Europeia, apesar das diferenças linguísticas, das tradições culturais distintas e dos procedimentos burocráticos.

Além disso, muitos mecanismos de integração global vêm sendo desenvolvidos para equilibrar as forças divergentes ou centrífugas atuantes. (Esses mecanismos incluem eventos esportivos, como campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos, organizações, como Unesco, Rotary Club, Grupos de Escoteiros e Bandeirantes, e organizações de ajuda humanitária, como Médicos sem Fronteiras e Save the Children.) É interessante destacar que, apesar de tais mecanismos ligarem as pessoas em todo o mundo, não representam uma cultura transnacional global.

### Problema de uma cultura global

A ideia de uma cultura global compartilhada pela maioria dos povos do mundo, se não todos, pode ter apelo popular em certos círculos. Determinada língua comum, por exemplo, facilitaria muito o comércio internacional, e uma ideologia compartilhada (em que todos possuem ideais políticos e crenças religiosas semelhantes) poderia diminuir os desentendimentos e pontos de vista divergentes entre as culturas que, com frequência, têm gerado conflitos nos últimos séculos.

Entretanto, os antropólogos veem esse prognóstico com ceticismo e suspeitam que visões de mundo distintas persistirão, mesmo diante de grandes mudanças. Além disso, novas visões de mundo

#### GLOSSÁRIO

**multiculturalismo** Políticas públicas para gerenciar a diversidade cultural em uma sociedade multiétnica, enfatizando oficialmente o respeito e a tolerância pelas diferenças culturais dentro dos limites territoriais de um país.

estão surgindo e aquelas que estão se modificando não o fazem necessariamente do mesmo modo. Na verdade, em virtude da intensificação da interação entre as pessoas, principalmente onde há interesses competitivos, é mais provável que o potencial para conflitos sérios cresçam.

Embora as forças da globalização afetem (quase) todas as sociedades, nem todas as pessoas reagem da mesma maneira às mudanças que acontecem na vida. Aquelas que desejam e conseguem fazer as adaptações necessárias podem realmente se beneficiar da transformação de sua cultura, enquanto outras menos predispostas a mudanças podem resistir e/ou ter uma experiência extremamente problemática. Resumindo, a globalização é um processo complexo e dinâmico, com grande diversidade de reações e adaptações culturais nos níveis nacionais, regionais e mesmo locais.

Alguns especialistas argumentam que, no futuro, talvez seja desejável uma cultura global, porque algumas culturas tradicionais podem ser especializadas demais para se adaptar a um ambiente em mudança. Por exemplo, quando os indígenas da Amazônia, que buscavam formas tradicionais de vida bem adaptadas às florestas tropicais da América do Sul, se confrontam com mudanças rápidas e radicais provocadas por invasores estrangeiros, sua cultura, há muito estabelecida, em geral entra em colapso. Os motivos para isso, argumenta-se, são que as tradições dos moradores das florestas e as organizações sociais e políticas não se adaptaram ao jeito moderno e que estão naturalmente destinadas a dar lugar ao novo.

Um problema em relação a esse argumento é que, longe de serem incapazes de se adaptar, tais povos tradicionais não têm tido oportunidade para resolver a própria adaptação cultural e social conforme suas necessidades específicas. Seu sofrimento não é provocado pelas leis da natureza, mas pelas escolhas políticas, econômicas e ideológicas de forças externas poderosas.

### Sociedades pluralistas e multiculturalismo

Se uma única cultura global homogênea não é necessariamente a tendência do futuro, qual é? Alguns especialistas preveem um mundo em que os grupos étnicos se tornarão mais nacionalistas em resposta à globalização, e cada grupo vai enfatizar a própria herança cultural, realçando as diferenças com grupos vizinhos. Mas nem todos os grupos étnicos se organizam politicamente como nações distintas com estado próprio. Na verdade, é comum que dois ou mais grupos étnicos ou nações vizinhas se organizem em uma união política livre, mas mantenham as respectivas identidades culturais. No entanto, como tais *sociedades pluralistas* não possuem herança e identidade cultural comuns, e geralmente não compartilham a mesma língua ou religião, as relações políticas entre elas podem ser repletas de tensão. Quando os sentimentos etnonacionalistas vêm à superfície, a pressão pode aumentar e o resultado será a separação política e a independência.

Uma forma de reprimir a pressão para divisão em sociedades multiétnicas ou pluralistas é a adoção de políticas públicas com base no respeito mútuo e na tolerância das diferenças culturais. Conhecida como **multiculturalismo**, essa política ou doutrina assegura o valor de culturas diferentes que coexistem em um país e destaca a responsabilidade recíproca de todos os cidadãos em aceitar o direito do outro para expressar sua visão e seus valores. Em contraste às políticas do estado, em que um grupo étnico dominante usa o poder para impor a própria cultura como padrão nacional, forçando outros grupos dentro desse mesmo estado à assimilação, o multiculturalismo envolve políticas públicas para gerenciar a diversidade cultural de uma sociedade. Exemplos de multiculturalismo há muito tempo estabelecido podem ser observados em estados como a Suíça

(em que falantes de alemão, francês, italiano e romance coexistem sob o mesmo governo) e o Canadá (em que canadenses falantes de inglês e de francês, assim como de várias nações indígenas, vivem lado a lado).

Embora poucas sociedades pluralistas tenham conseguido implementar o multiculturalismo com êxito, muitas estão procurando alcançar esse objetivo e modificaram sua ideologia oficial de “caldeirão cultural” (*melting pot*) e políticas de assimilação relacionadas a ela. Um exemplo de país que caminha para o multiculturalismo são os Estados Unidos, que agora possuem mais de 120 grupos étnicos diferentes em seus limites territoriais (além de centenas de grupos nativos reconhecidos pela federação). Outro é a Austrália, que conta com mais de cem grupos étnicos e 80 línguas faladas em seu território. Mudanças semelhantes também estão ocorrendo em muitos países europeus, nos quais milhões de imigrantes estrangeiros se estabeleceram nas últimas décadas. Essas mudanças não são fáceis e frequentemente geram protestos. Em muitas sociedades pluralistas, entretanto, os governos não têm comprometimento ideológico ou capacidade política para estruturar com êxito um sistema cultural nacional.

Não podemos ignorar o fato de que o que tem sido historicamente chamado “construção de uma nação”, em todas as partes do mundo, quase sempre envolve tentativas daqueles que detêm o controle do governo de um país para suprimir ou destruir as culturas tradicionais de pessoas cuja herança étnica ou nacionalidade é diferente da deles.<sup>1</sup> O preço dessas tentativas de repressão é extremamente alto. Durante as duas últimas décadas do século XX, os estados estavam fazendo mais empréstimos financeiros para serem utilizados em conflitos dentro do próprio território do que para serem empregados em todos os outros programas juntos. Quase todo o débito dos estados na África e aproximadamente metade de todos os outros débitos de países “subdesenvolvidos” estão relacionados ao custo de armas compradas para combater os próprios cidadãos.<sup>2</sup> Quanto mais divergentes são as tradições culturais, mais difícil se torna lidar com o pluralismo.

### Sociedades pluralistas e etnocentrismo

Um grande obstáculo para o bom funcionamento de uma sociedade pluralista é a lealdade que cada grupo étnico tem em relação à própria língua e às tradições culturais singulares, das quais os membros obtêm apoio psicológico e forte ligação social com a comunidade. Esse orgulho étnico geralmente está atrelado à crença de que a própria cultura é a única forma adequada de viver. Para superar esse tipo de complexo de superioridade cultural, ou *etnocentrismo*, uma sociedade pluralista talvez tenha de desenvolver uma superestrutura comum, com uma força ideológica que une povos diferentes, juntamente com o senso coletivo de identidade e destino compartilhados.

Como já ilustramos várias vezes neste livro, é muito fácil transformar orgulho étnico e lealdade em licença para denegrir pessoas com práticas culturais diferentes e explorá-las para benefício do próprio grupo. Embora não seja um resultado inevitável, quando ocorre, normalmente há tumultos, hostilidade e violência.

Atualmente, os governos poderosos, em geral, operam com base na ideia política de que nenhum grupo tem o direito de interferir no “bem maior para o maior número de pessoas”. Esse

<sup>1</sup> Van den Berghe, P. The modern state: Nation builder or nation killer? *International Journal of Group Tensions*, v. 22, n. 3, p. 191-207, 1992.

<sup>2</sup> *Cultural Survival Quarterly*, v. 15, n. 4, p. 38, 1991.

conceito é comumente empregado para justificar a expropriação dos recursos naturais em regiões tradicionalmente ocupadas por agricultores de subsistência, pastores nômades ou coletores, sem nenhum respeito por seus direitos, preocupações ou desejos. Mas será realmente o bem maior para o maior número de pessoas?

## PODER ESTRUTURAL NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Uma nova forma de expansão do capitalismo internacional vem surgindo desde meados da década de 1990. Ao operar sob a bandeira da globalização, ele se baseia nas estruturas culturais anteriores das redes mundiais de comércio e é o sucessor de um sistema de colonialismo em que alguns poucos estados capitalistas poderosos, especialmente europeus, governavam e exploravam nações estrangeiras em territórios distantes.

A globalização, extremamente complexa e turbulenta, é um processo dinamicamente estruturado, no qual indivíduos, empresas e instituições políticas reorganizam e reestruturam a área política para obter vantagem competitiva, disputando recursos naturais cada vez mais escassos, mão de obra barata, novos mercados comerciais e lucros cada vez maiores. Na era da globalização, essa reestruturação ocorre em uma imensa arena que se espalha por todo o globo. Para essa realização, naturalmente, é preciso ter muito poder.

Como já discutimos no Capítulo 14, o poder se refere à habilidade dos indivíduos para impor seus desejos sobre outros e obrigá-los a executar determinadas ações, mesmo contra a própria vontade. O poder pode ser aplicado para impor e manter a lei e a ordem, as quais coordenam, regulam e controlam o comportamento coletivo em uma comunidade ou sociedade específica e também fora dela.

Há diferentes níveis de poder nas sociedades, assim como entre elas. O antropólogo austríaco-americano Eric Wolf destacou a importância de se entender o nível macro de poder, que chamou de **poder estrutural** – aquele que organiza e administra a interação sistêmica na sociedade e entre elas, dirigindo, por um lado, as forças econômicas e políticas; por outro, as forças ideológicas que moldam ideias, crenças e valores públicos.<sup>3</sup> O conceito de poder estrutural não se aplica apenas às organizações políticas, como chefaturas ou estados, mas também captura as novas forças globais

complexas que atualmente reestruturam e remodelam as sociedades e os ambientes em todos os lugares da Terra.

Joseph Nye, cientista político, especialista em segurança nacional e ex-secretário assistente da defesa do governo dos Estados Unidos, refere-se a essas duas forças interativas principais na arena mundial como “hard power” e “soft power”.<sup>4</sup> **Poder duro (hard power)** é o poder de coerção apoiado pelas forças econômicas e militares. **Poder brando (soft power)** é o poder que pressiona

### GLOSSÁRIO

**poder estrutural** Poder que organiza e administra a interação sistêmica na sociedade e entre elas, dirigindo, por um lado, as forças econômicas e políticas e, por outro, as forças ideológicas que moldam ideias, crenças e valores públicos.

**poder duro (hard power)** Poder coercitivo apoiado pelas forças econômicas e militares.

**poder brando (soft power)** Poder cooptativo que pressiona através da atração e da persuasão a mudança de ideias, crenças, valores e comportamentos.

<sup>3</sup> Wolf, E. R. *Envisioning power: ideologies of dominance and crisis*. Berkeley: University of California Press, 1999. p. 5.

<sup>4</sup> Nye, J. *The paradox of American power: why the world's only superpower can't go it alone*. Nova York: Oxford University Press, 2002.



através da atração e da persuasão a mudança de ideias, crenças, valores e comportamentos. Embora a propaganda seja uma forma de poder brando, o exercício da influência ideológica (a luta global pelos corações e mentes) também opera através de meios mais sutis, como ajuda estrangeira, diplomacia internacional, noticiários, esportes, entretenimento, exposições e intercâmbios acadêmicos.

### Poder duro (*hard power*) militar

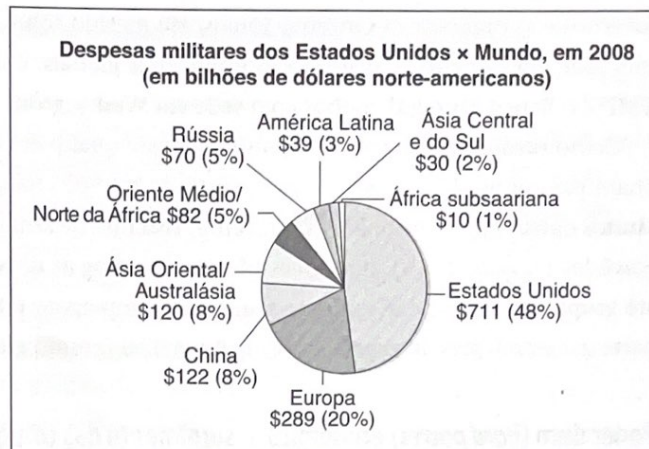
Atualmente os Estados Unidos têm mais poder militar que qualquer um de seus aliados ou rivais em todo o mundo. É o líder mundial em despesas militares, com 711 bilhões de dólares gastos em 2008, seguidos pela Europa (289 bilhões) e pela China (122 bilhões). De fato, como superpotência mundial ainda dominante, os Estados Unidos são responsáveis por quase metade de cerca de 1,5 trilhão gastos em armas em todo o mundo<sup>5</sup> (Figura 16.1).

Além disso, embora existam outros sete estados com armas nucleares (Inglaterra, França, China, Israel, Índia, Paquistão e agora também Coreia do Norte, que juntos possuem cerca de 900 ogivas nucleares ativas), a Rússia e os Estados Unidos possuem, sem dúvida, o maior arsenal nuclear à disposição, no mínimo 5.830 e 5.735 ogivas operacionais, respectivamente. (Também existem cerca de 16 mil ogivas intactas e não operacionais, quase todas nas mãos também dos Estados Unidos e da Rússia.<sup>6</sup>)

Além do poder militar, o poder duro envolve o uso da força econômica como instrumento político de coerção ou intimidação no processo de estruturação global. Entre outras coisas, isso significa que o tamanho e a produtividade econômica, capacidade tecnológica e capital financeiro podem ser empregados para apoiar o mercado global, forçando estados mais fracos a quebrar as barreiras comerciais que protegem seus trabalhadores, os recursos naturais e os mercados locais.

Como a maior economia do mundo e líder em exportações, os Estados Unidos há muito pressionam o livre comércio para suas corporações que realizam negócios em escala global. Às vezes utilizam o poder militar para impor mudanças em uma região política estrangeira através de intervenções armadas ou invasões em grande escala.

Em toda a sua história, os Estados Unidos (como vários outros países poderosos, incluindo Rússia, Inglaterra e França) têm se engajado em intervenções militares em todo o mundo. Por essa razão, muitos os veem como uma ameaça sempre presente, prontos para aplicar sua força militar esmagadora a fim de beneficiar os interesses corporativos, de frutas a combustível, de microchips a automóveis. As corporações, por sua vez, exercem enorme influência financeira e política sobre os



**Figura 16.1** Os Estados Unidos são responsáveis por quase metade dos 1.473 trilhão de dólares gastos em armas em todo o mundo. Fonte: Center for Arms Control and Non-Proliferation, 20 fev. 2008.

<sup>5</sup> www.globalissue.org.

<sup>6</sup> Norris, R. S.; Kristensen, H. M. Global nuclear stockpiles, 1945-2006. *Bulletin of the Atomic Scientists*, v. 62, n. 4, p. 64-66, jul.-ago. 2006.

governos e as organizações internacionais, até mesmo sobre a Organização Mundial do Comércio, com sede em Genebra, e instituições financeiras globais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, ambos com sede em Washington.

Como possui mais corporações mundiais que qualquer outro país, os Estados Unidos se empenham para proteger seus interesses, investindo no que chamam de *ambiente de segurança mundial*. Muitos outros países, incapazes de sustentar sistemas de armamentos caros (ou impedidos de desenvolvê-los ou adquiri-los), têm investido em tecnologias de armas químicas ou biológicas. Outros, até grupos políticos relativamente sem poder, empregam táticas de guerrilha ou terrorismo como parte das estratégias de guerra locais, regionais ou mesmo globais.

### **Poder duro (*hard power*) econômico: o surgimento das corporações globais**

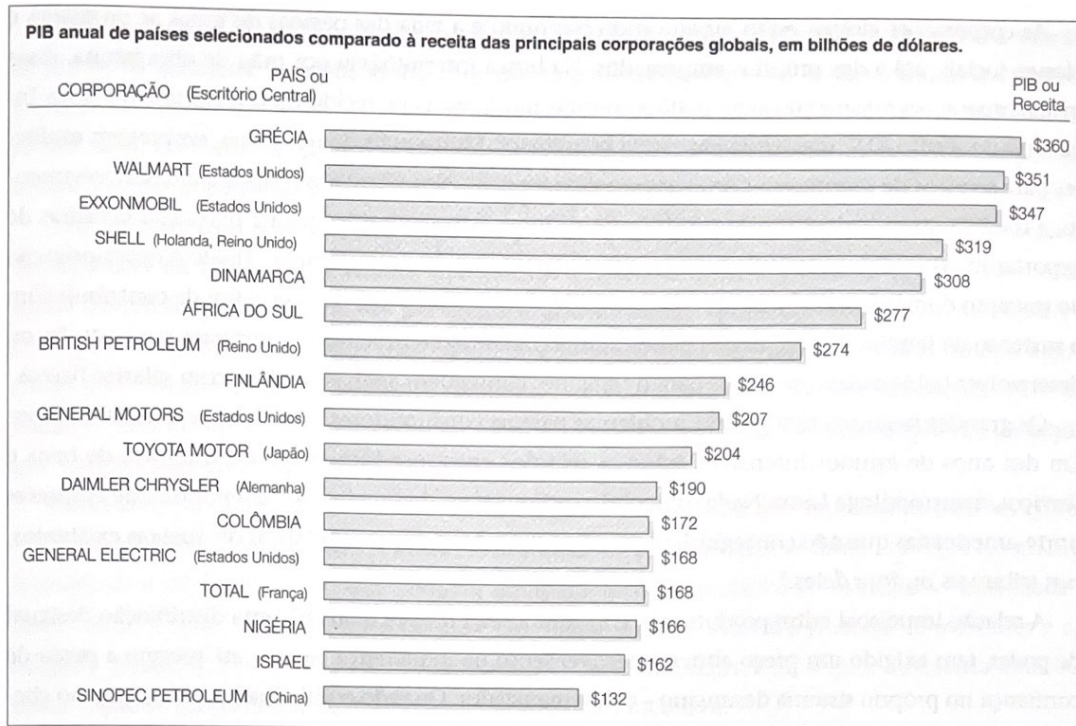
As corporações globais, raras antes da segunda metade do século XX, agora são uma força política e econômica muito mais abrangente em todo o mundo. Gigantes econômicos modernos, como General Electric, Shell e Toyota, são, na verdade, grupos de várias corporações, unidas por laços de propriedade comum, que seguem uma estratégia administrativa comum. Em geral controladas com firmeza por um escritório central estabelecido em um país, essas empresas organizam e integram a produção em diferentes países para atender os interesses formulados nas salas da diretoria, sem se preocupar se estes estão de acordo com os interesses das pessoas que vivem nos países onde operam. Essas megacorporações são o produto da revolução tecnológica, pois, sem o transporte de massa veloz, sem os equipamentos sofisticados de processamento de dados e de telecomunicações, elas não conseguiriam supervisionar de modo adequado suas operações mundiais.

Embora, geralmente, se acredite que respondem de modo impessoal às forças externas do mercado, as grandes corporações são, na verdade, controladas por um número cada vez maior de capitalistas ricos, que se beneficiam diretamente dessas operações. No entanto, ao contrário dos líderes políticos, os maiores acionistas do mundo e os diretores mais poderosos são virtualmente desconhecidos do público em geral. Desse modo, muitas pessoas nem sequer conseguem listar as dez maiores corporações do mundo, que incluem Walmart, Shell e Toyota (Figura 16.2). Cada um desses dez gigantes atualmente gera uma receita anual acima de 160 bilhões de dólares, e três deles estão muito além da marca de 300 bilhões.<sup>7</sup>

O poder das grandes empresas que operam em todo o mundo é tão grande que elas, cada vez mais, contrariam os desejos dos governos nacionais ou de organizações internacionais como ONU, Cruz Vermelha e Tribunal Internacional de Justiça. Uma vez que as informações processadas pelas megacorporações não fluem de modo significativo para a população em geral, ou mesmo para os níveis inferiores das próprias organizações, os governos têm dificuldades em obter os dados necessários para tomar decisões políticas.

O Congresso norte-americano levou anos para adquirir informação necessária sobre as companhias de tabaco, a fim de decidir o que fazer com a respectiva legislação – e atualmente é também quase tão difícil fazer com que as empresas de energia e de mídia forneçam dados indispensáveis para fins de regulamentação.

<sup>7</sup> Forbes Global 500 List. [www.forbes.com](http://www.forbes.com).



**Figura 16.2** No mundo atual, voltado para o consumo, é comum que as receitas anuais das grandes corporações multinacionais sejam iguais ou mesmo excedam o valor total de todos os bens e serviços produzidos por um país no período de um ano, o Produto Interno Bruto (PIB). O gráfico mostra o PIB anual de alguns países selecionados e a receita anual das principais corporações globais. (Obs.: o PIB não oferece nenhuma informação sobre a distribuição desigual da riqueza em um país.)

Fonte: Com base nos números de vendas da lista Global 500, 2007, disponível em [www.forbes.com](http://www.forbes.com), e valores do PIB de 2007, disponíveis em [www.worldbank.org](http://www.worldbank.org).

Além disso, as corporações globais têm repetidamente demonstrado que conseguem invalidar as decisões políticas estrangeiras. Embora algumas pessoas achem que isso seja um sinal de esperança, que acabará com as disputas e rivalidades nacionais, a questão é se a arena global deve ser controlada por corporações privadas extremamente grandes e poderosas, interessadas somente no lucro financeiro. De acordo com uma organização de pesquisa de mercado,

Atualmente, as cem maiores companhias controlam 33% dos bens mundiais, mas empregam apenas 1% da força de trabalho de todo o mundo. A General Motors é maior que a Dinamarca, Walmart é maior que a África do Sul. As megacorporações percorrem o mundo livremente, influenciando legisladores para obter medidas favoráveis, financiando eleições e colocando governos um contra o outro, a fim de obter melhores negócios. Elas controlam grande parte das notícias mundiais e o fluxo de informações.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> [www.adbusters.org](http://www.adbusters.org), acesso em 10 jan. 2003. Ver também Hertz, N. *The silent takeover: Global capitalism and the death of democracy*. Nova York: Arrow Books, 2001. p. 43.

As corporações globais estão modificando o mundo e a vida das pessoas de todas as profissões e classes sociais, até a dos próprios empregados. Na busca interminável por mão de obra barata, essas megacorporações retomaram uma prática comum nas fábricas de tecido da Inglaterra e da Nova Inglaterra do século XIX, mas agora em escala bem maior. Muito mais do que antes, empregam mulheres para serviços de montagem que exigem pouco preparo. Nos chamados países em desenvolvimento, à medida que a agricultura de subsistência dá lugar à mecanização, para a produção de safras de exportação, as mulheres contribuem menos para a sobrevivência da família. Aliado à desvalorização do trabalho doméstico, esse fato faz com que procurem trabalho fora de casa, a fim de contribuir com o sustento da família. Como, nesses países, muitas delas não têm tempo ou recursos para estudar ou desenvolver habilidades específicas para o trabalho, conseguem apenas serviços com salários baixos.

Os grandes negócios têm gerado problemas para os consumidores e também aos trabalhadores. Em dez anos de estudos intensivos sobre as relações entre produtores e consumidores de bens e serviços, a antropóloga Laura Nader descobriu reclamações, documentadas e repetidas, de empresas norte-americanas que não conseguiriam ser administradas pelos mecanismos de queixas existentes, nos tribunais ou fora deles.<sup>9</sup>

A relação impessoal entre produtores e consumidores, entre os quais há uma distribuição desigual de poder, tem exigido um preço alto: um terrível senso de indiferença, apatia, até mesmo a perda de confiança no próprio sistema desumano – e desumanizador. Quando o trabalhador não confia no chefe, e determinado chefe não confia no outro, as relações de produção e comércio ficarão prejudicadas ou mesmo arruinadas em todos os níveis. Como esses sistemas, em uma análise final, são gerados e mantidos por seres humanos, tal alienação, ou estranhamento, pode, por fim, provocar um colapso sistêmico. Agora que a produção, o comércio e as operações financeiras fazem parte de um sistema globalizado, o colapso em parte dele pode desencadear uma reação em cadeia mundial de fracassos. Assim foi a crise global provocada pela falência de várias empresas de Wall Street mal administradas, em 2008.

### **Poder brando (*soft power*): um ambiente de mídia global**

Além da dependência do poder duro (poder econômico e militar) na busca global pela dominação e lucros, os estados e as corporações que competem utilizam a persuasão ideológica do poder suave transmitida por meio da mídia eletrônica e digital, dos satélites de comunicação e de outras tecnologias de informação. Uma das principais tarefas do poder brando é organizar e vender a ideia geral de globalização como algo positivo e progressivo (como “liberdade”, “livre” comércio, mercado “livre”) e adaptar ou estigmatizar qualquer aspecto que se oponha em termos negativos ao capitalismo.

As corporações globais de mídia em massa, como a Cable News Network (CNN), possuem muito poder brando. Essa empresa privada norte-americana produz e distribui notícias e outras informações por meio de redes internacionais de transmissão a cabo e satélites, assim como de páginas na internet. Com escritórios em mais de trinta países, a cobertura de notícias durante 24 horas alcança mais de 1,5 bilhão de pessoas em todo o mundo. Do mesmo modo que gigantes da mídia ainda maiores, como a British Broadcasting Corporation (BBC), a CNN não só transmite notícias, mas seleciona as imagens que serão mostradas e determina o que enfatizar ou reprimir. Através de seu incrível poder brando, essas corporações influenciam a percepção e a ação do público (“corações e mentes”).

<sup>9</sup> Nader, L. (Ed.) *No access to law: Alternatives to the American judicial system*. Nova York: Academic Press, 1981.

A capacidade de longo alcance das modernas tecnologias eletrônicas e digital provocou a criação de um novo ambiente de mídia global, que possui papel importante no modo como os indivíduos e mesmo as sociedades veem a si mesmos e percebem seu lugar no mundo. As pessoas atualmente vivem nesse ambiente midiático – um espaço cultural novo e sem fronteiras, que o antropólogo indiano Arjun Appadurai chama de “mídiascópio global”.<sup>10</sup>

Nos últimos anos, o poder das corporações tem se tornado cada vez mais abrangente através da expansão da mídia. Nas últimas duas décadas, houve o desenvolvimento de um sistema de mídia comercial global, dominado por algumas poucas megacorporações (como General Electric e Disney), a maioria com sede nos Estados Unidos. O controle da televisão e de outras mídias, assim como da indústria da publicidade, proporciona a essas corporações enorme influência sobre as ideias e o comportamento de centenas de milhões de pessoas comuns, em todo o mundo, de modo que muitas delas não suspeitam nem conseguem imaginar.

Considere, por exemplo, as poderosas mensagens de marketing que moldam os padrões culturais com relação ao corpo ideal. A natureza ampla dessa preocupação se torna evidente no grande número de comerciais de TV que vendem equipamentos de ginástica e cosméticos “anti-idade”, assim como a série *NipTuck* e o *reality show Dr. Hollywood* (que mostra a história de pacientes e cirurgias plásticas, em Beverly Hills, Califórnia). O “Estudo Original”, a seguir, apresenta detalhes sobre o que se tornou uma indústria de cirurgia estética lucrativa.

## PROBLEMAS DE VIOLÊNCIA ESTRUTURAL

O poder estrutural e os conceitos associados de poder brando e duro nos permitem entender melhor a ampla área de força em que as comunidades locais de todo o mundo agora são obrigadas a operar. Entender isso é perceber como é desigual a distribuição de riqueza, saúde e poder nessa arena global.

Na verdade, a globalização faz muito mais que criar uma arena mundial em que as megacorporações colhem lucros gigantescos. Ela também devasta muitas culturas tradicionais e destrói organizações sociais há muito estabelecidas. Considerando as diferenças culturais, as divisões políticas e os interesses econômicos competitivos existentes, combinados com a crescente resistência à dominação das superpotências, o sistema mundial que surge é inerentemente instável, vulnerável e imprevisível, para não dizer iníquo.

No início do século XXI, a tendência global da desigualdade econômica se torna clara: o pobre fica cada vez mais pobre e o rico, cada vez mais rico. Para os vários milhares de pessoas que têm muito, há muitos milhões que têm pouco ou quase nada.

Não somente as megacorporações multinacionais, mas bancos e companhias de investimento, são acusados de serem insensíveis às consequências políticas, econômicas e ambientais dos projetos que favorecem, mas as instituições financeiras mundiais, como FMI e Banco Mundial, também são castigadas pelos projetos que apoiam. Por exemplo, o Banco Mundial aprovou um empréstimo de 40 milhões de dólares para o governo chinês realocar alguns dos agricultores mais pobres da etnia han em terras mais férteis em Qinghai, território que os tibetanos consideram deles. Os tibetanos protestaram contra o apoio do Banco Mundial à tentativa da China em diluir a população de minoria étnica tibetana naquela região.

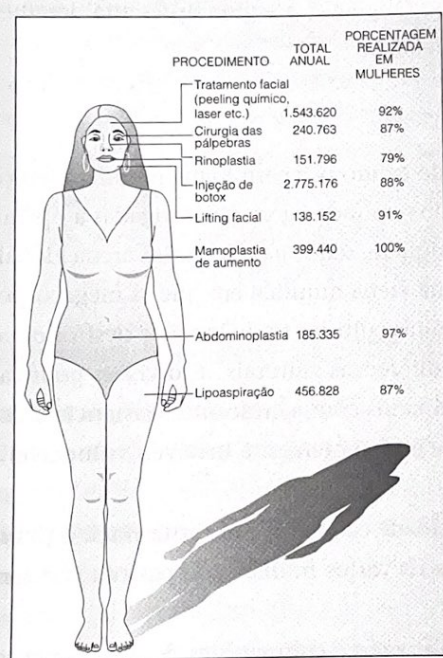
<sup>10</sup> Appadurai, A. Disjuncture and difference in the global cultural economy. *Public Culture*, n. 2, p. 1-24, 1990.

## Estudo Original Padronização do corpo: uma questão de escolha

Laura Nader

A questão da escolha é crucial para a história sobre como a medicina e os negócios geram processos de controle na modelagem do corpo feminino. A imagem do corpo parece natural no contexto cultural de específico. Por exemplo, os implantes de seios não são considerados estranhos no contexto cultural dos Estados Unidos, e a circuncisão feminina e a infibulação (também conhecidas como mutilação genital feminina, MGF) não são consideradas estranhas pelos povos do Sudão e de vários outros países africanos. Entretanto, muitas escritoras feministas diferenciam a MGF dos implantes nos seios, argumentando que a mulher norte-americana *escolhe* fazer isso, enquanto na África a mulher está presumivelmente sujeita à doutrinação, uma vez que passa por essa experiência ainda jovem

Um dos debates mais acalorados que surge com a preocupação de saúde pública relacionada aos implantes nos seios é se a mulher está livremente situada, ou seja, se sua decisão é voluntária ou se existe controle disfarçado como livre-arbítrio.



**Procedimentos estéticos cirúrgicos e não cirúrgicos nos Estados Unidos (2007) e a porcentagem realizada em mulheres.** No total, foram realizados mais de 2 milhões de cirurgias estéticas e aproximadamente 10 milhões de procedimentos não cirúrgicos (peelings químicos, injeções de botox etc.), a um custo total de cerca de 13 bilhões de dólares. Entre 1997 e 2007, o número de procedimentos estéticos realizados aumentou 457%.  
Fonte: American Society for Aesthetic Plastic Surgery, 2008.

Para se ter uma resposta informativa para o argumento da livre escolha, é preciso saber como funciona a indústria da beleza. Com essa finalidade, Linda Coco, pesquisadora de responsabilidade corporativa, realizou uma pesquisa de campo para entender o funcionamento interno de uma indústria multibilionária, que segmenta o corpo feminino e manufatura produtos de e para o corpo.

A pesquisa mostra como algumas mulheres são atraídas pela ideologia da beleza oficial e, no caso dos implantes de silicone nos seios, algumas centenas já caíram nessa armadilha. Mas é preciso saber quem é seduzida e quando são questões importantes para entender a ecologia do poder. A idade média da mulher que faz implante nos seios é de 36 anos, geralmente com dois filhos. A consumidora insegura da indústria da beleza é considerada paciente, com uma doença que essa indústria define como hipertrofia (seios pequenos).

Linda Coco cita um antigo presidente da American Society of Plastic and Reconstructive Surgery (Associação Americana de Cirurgia Plástica e Reconstrução): "Existe grande conhecimento médico de que essas deformidades [seios pequenos] são realmente uma doença que faz com que a paciente tenha sentimentos variados: inadequação, falta de confiança, distorção da imagem do próprio corpo e a total falta de bem-estar em virtude

da ausência de feminilidade que percebe em si mesma. O aumento [...] é então [...] necessário para garantir a qualidade de vida para a paciente". Em outras palavras, a cirurgia estética é necessária para a saúde psicológica da paciente.

O cirurgião plástico considera a reconstrução do seio uma arte, cujo objetivo é remodelar o corpo feminino conforme os ideais da arte clássica ocidental. Um cirurgião, pioneiro em procedimentos de correção de deformidades, empregava como figura feminina ideal as antigas estátuas gregas, que ele cuidadosamente media; observava o tamanho e formato exatos dos seios, a localização vertical entre a terceira e a sétima costela, a localização horizontal entre a linha do esterno e a linha axilar anterior, e assim por diante. Na análise de Linda Coco, o exercício da tecnoarte desse cirurgião recria um formato de seio oficial, estático e específico e aplica sua criação ostensivamente para aliviar o sofrimento mental das mulheres. O cirurgião se torna um curandeiro psicológico e também um artista.

Aliada à arte e à psicologia, há, naturalmente, a indústria da cirurgia plástica organizada, que atende à demanda e às oportunidades da economia de mercado (ver figura). No fim dos anos 1970 e início dos 1980, havia excesso de cirurgiões plásticos. A ASPRS começou a operar como uma empresa comercial, não como uma sociedade médica, saturando a mídia com propagandas e até mesmo oferecendo financiamentos de baixo custo. O discurso se transformou em conversa de vendedor. As mulheres "procuravam" implantes nos seios para manter o marido ou o emprego, para atrair os homens ou para se tornar socialmente aceitáveis. Linda Coco chama isso de "capitalismo patriarcal" e questiona se é livre-arbítrio ou "colonização da mente".

Ao entender a "escolha", ela passou a examinar a questão do poder na relação médico-paciente e no controle de informações. Descobriu que as mulheres recebiam informações, "da mídia, dos cirurgiões plásticos, das revistas femininas, de outras mulheres e do mundo corporativo, de que conseguiriam melhorar a vida se aumentassem o tamanho do busto [...] o imperativo social para a aparência era personalizado, psicologizado e normalizado". As pesquisas sociais indicam que, à medida que a mulher internaliza o imperativo social, sente que está decidindo por si mesma.

Não é de surpreender que as mulheres que tiveram complicações após a cirurgia reconheceram os processos externos de persuasão coerciva que fizeram com que realizassem os implantes. De certo modo, elas lembram ex-membros de cultos que foram desprogramados: sua decepção fez com que questionassem o sistema que as encorajou a tomar tal decisão, em primeiro lugar. O resultado foi o início de protestos contra a indústria, expresso em redes, cartas, grupos de apoio, oficinas e seminários. Da mesma forma que esses ex-membros, as mulheres processaram, testemunharam perante legisladores e enfrentaram de outro modo algumas das maiores corporações e companhias de seguro do país.

Decidir fazer um implante, elas descobriram, faz parte de um conjunto de processos de controle nos quais as mulheres são subjugadas. Em determinadas circunstâncias, pode acontecer a qualquer um. No Sudão, dizem às jovens que o procedimento da MGF é feito para o seu bem, não para prejudicá-las. Nos Estados Unidos, a mutilação dos seios é realizada para a recriação da feminilidade. Embora o poder seja exercido de modo diferente nesses dois casos, Linda Coco observa semelhanças: "A operação dos seios na América do Norte apresenta o mesmo simbolismo social e a mesma expressão da determinação cultural que a MGF no Sudão. Portanto, o motivo pelo qual a mulher decide se submeter ao aumento dos seios é discutível".

A cirurgia de implante de seios está se disseminando por todo o mundo, especialmente entre os chineses. Esta vai se tornar o equivalente funcional à deformação dos pés, na China, como parte da competição entre patriarcados do Ocidente e do Oriente? Qualquer que seja a resposta, muitos cientistas sociais acreditam que as pessoas estão sempre muito mais vulneráveis à persuasão intensa durante períodos de deslocamento histórico – a ruptura com as estruturas e os símbolos familiares ao ciclo de vida – quando a mídia apresenta imagens e ideias de mundos do passado, de épocas contemporâneas ou mesmo imaginários.

As pesquisadoras feministas tentam quebrar os paradigmas de controle, como os que definem as capacidades da mulher e os que constroem um corpo padronizado e determinam o que é bonito. Alguns desses escritos são tentativas de libertar a mente da construção de beleza da indústria de cosméticos e das revistas de moda. Outras mostram como o modelo de beleza ocidental está afetando membros de grupos étnicos que gostariam de ter a aparência das modelos apresentadas nos anúncios publicitários. A escolha é uma ilusão, pois a reestruturação das preferências está inextricavelmente ligada às mudanças na organização do consumo.

(Adaptado de Nader, L. Controlling processes: tracing the dynamics of power. *Current Anthropology*, v. 38, p. 715-717, 1997.)

Com base em sua capacidade de utilizar, dirigir e distribuir os recursos globais e o fluxo de energia, os estados com armamento pesado, as megacorporações e as elites ricas empregam seu poder de coerção e de cooptação para estruturar ou rearranjar o sistema mundial emergente e direcionar os processos globais para seu próprio benefício competitivo. Quando esse poder estrutural arruína gradualmente o bem-estar de outros, podemos dizer que é uma **violência estrutural** – dano físico e/ou psicológico (incluindo repressão, destruição ambiental, pobreza, fome, doenças e morte prematura) provocado por sistemas econômicos, políticos e sociais impessoais, exploradores e injustos.

Naturalmente, as estruturas atuais estão posicionadas de modo a promover mais riqueza, poder, conforto e glória para alguns poucos felizes e um pouco mais que pobreza, subserviência, sofrimento e morte para muitos. Todos os dias, milhões de pessoas em todo o mundo enfrentam fome, desastres ecológicos, problemas de saúde, instabilidade política e violência, enraizados em programas de desenvolvimento ou manobras lucrativas organizadas por estados poderosos ou corporações globais.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada oficialmente por todos os membros das Nações Unidas, em 1948, fornece uma base útil para identificar a violência estrutural. Os antropólogos tiveram papel-chave na elaboração desse importante documento. O preâmbulo da declaração começa afirmando que “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”.<sup>11</sup> De modo geral, a violência estrutural se refere à violação sistêmica e impessoal dos direitos humanos do indivíduo e das comunidades para uma vida saudável, digna e pacífica.

<sup>11</sup> [www.ccnmtl.columbia.edu/projects/mmt/udhr](http://www.ccnmtl.columbia.edu/projects/mmt/udhr) (em inglês); [www.onu-brasil.org.br/documentos\\_direitoshumanos.php](http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php) (em português).



Embora o abuso dos direitos humanos não seja algo novo, a globalização tem expandido e intensificado enormemente a violência estrutural. Por exemplo, está aumentando cada vez mais a distância entre os mais ricos e os mais pobres, entre os mais poderosos e os sem poder nenhum.

Em 1960, a renda média dos vinte países mais ricos do mundo era quinze vezes maior que a dos vinte países mais pobres. Atualmente é trinta vezes maior.<sup>12</sup>

É assustador o fato de que a riqueza combinada dos 225 indivíduos mais ricos do mundo se iguale à renda anual dos 47% mais pobres de toda a população mundial. Na verdade, metade da população de todo o mundo sobrevive com menos de 2 dólares por dia, e mais de 1,2 bilhão, com apenas 1 dólar por dia. O exame dessa diferença também revela que os 80% mais pobres da população humana vivem com 14% de todos os bens e serviços no mundo, os 20% mais pobres, com meros 1,3%. Enquanto isso, os 20% mais ricos desfrutam de 86% desses bens e serviços.<sup>13</sup>

A violência estrutural possui incontáveis manifestações, além da ampla pobreza. Essas manifestações variam da destruição cultural, já indicada pela fome e pela obesidade, à degradação ambiental, assuntos que também serão discutidos neste capítulo.

### Superpopulação e pobreza

Em 1750, a população mundial era de 1 bilhão de pessoas. Nos dois séculos seguintes, aumentou para 2,5 bilhões. E, entre 1950 e 2000, cresceu para mais de 6 bilhões. Atualmente, tanto a Índia como a China têm mais de 1 bilhão de habitantes. Esses aumentos são extremamente significativos, porque o crescimento populacional expande a escala de fome e de poluição, e os muitos problemas ligados a essas duas grandes questões. Embora apenas o controle do crescimento populacional não elimine os demais problemas, não é provável que sejam resolvidos, a menos que esse crescimento seja interrompido ou mesmo revertido.

Apesar dos progressos feitos no controle do crescimento da população, o número de pessoas continua a aumentar. As projeções são extremamente complicadas, considerando variáveis como a Aids, mas as estimativas atuais sugerem que a população global alcançará o máximo em torno de 2050, com 9,37 bilhões de pessoas.

A gravidade do problema torna-se clara quando se percebe que a população atual de quase 7 bilhões pode ser sustentada apenas com o consumo de recursos não renováveis, como o petróleo, que equivale a sobreviver de capital produtor de renda. Funciona durante algum tempo, mas, uma vez que esse capital se esgota, também extingue a possibilidade de se ter alguma renda para sobreviver.

#### GLOSSÁRIO

**violência estrutural** Dano físico e/ou psicológico (incluindo repressão, destruição ambiental, pobreza, fome, doenças e morte prematura) provocado por sistemas econômicos, políticos e sociais impessoais, exploradores e injustos.

<sup>12</sup> [www.worldbank.org/poverty](http://www.worldbank.org/poverty). (2003 Statistics).

<sup>13</sup> Kurth, P. Capital crimes. *Seven Days*, n. 7, 14 out. 1998; Swaminathan, M. S. Science in response to basic human needs. *Science*, n. 287, p. 425, 2000. Ver também Human Development Report. *Deepening democracy in a fragmented world*. United Nations Development Program, 2000.

## Fome e obesidade

Como a mídia de modo frequente apresenta em suas reportagens, centenas de milhões de pessoas enfrentam a fome regularmente, o que provoca uma série de problemas de saúde, morte prematura e outros tipos de sofrimento. Atualmente, mais de um quarto dos países de todo o mundo não produz alimento suficiente para sua população e não tem condições de importar o necessário. A maior parte deles está localizada na África subsaariana.

No total, aproximadamente 1 bilhão de pessoas no mundo são subnutridas. Cerca de 6 milhões de crianças com 5 anos ou menos morrem de fome a cada dia, e aquelas que sobrevivem sofrem de deficiências físicas e mentais.<sup>14</sup> Para as vítimas dessa situação, o efeito é violento, embora não tenha sido causado por atos hostis e deliberados de um indivíduo em especial. A origem da violência pode ter sido o impacto imprevisto, porém devastador, do poder estrutural, por exemplo, através do colapso dos mercados locais resultante das importações subsidiadas – e isso significa violência estrutural.

Ironicamente, enquanto vários milhões de pessoas, em algumas partes do mundo, morrem de fome, muitos outros milhões comem demais, quase literalmente morrem de tanto comer. Na verdade, hoje o número de pessoas que comem demais é maior que o das que passam fome. De acordo com o World Watch Institute, em Washington, mais de 1,1 bilhão de pessoas em todo o mundo estão acima do peso. E destas, 300 milhões são obesas (mesmo assim, são malnutridas, pois sua dieta não contém certos nutrientes).

Seramente preocupada com o grande aumento de problemas relacionados à saúde (até derrame, diabetes, câncer e doenças cardíacas), a Organização Mundial de Saúde classifica a obesidade como uma epidemia global. Comer demais não é saudável, especialmente para os indivíduos que vivem em sociedades nas quais as máquinas diminuíram a carga física de trabalho e de outras atividades humanas. Esse aspecto ajuda a explicar por que mais da metade das pessoas de alguns países industriais e pós-industriais está acima do peso.

No entanto, a epidemia de obesidade não ocorre somente pela ingestão de alimentos em excesso e pela falta de exercícios físicos. Um ingrediente importante é o alto teor de açúcar e de gordura dos alimentos industrializados. O problema vem se espalhando e se tornou uma preocupação séria até mesmo em alguns países em desenvolvimento. De fato, as altas taxas de obesidade no mundo agora também ocorrem entre os povos das ilhas do Pacífico, por exemplo, Samoa e Fiji. Na ilha de Nauru, quase 65% dos homens e 70% das mulheres atualmente são considerados obesos. (Nem todas as pessoas que estão acima do peso ou são obesas se encontram nesse estado porque ingerem muitos alimentos de alto teor calórico e baixo valor nutritivo e praticam poucos exercícios físicos. Além dos fatores culturais, estar acima do peso ou ser obeso também pode ter causas genéticas ou biológicas.)

Com relação aos casos de fome, cerca de 10% podem ser provocados por eventos específicos, como secas ou inundações, assim como várias situações sociais, econômicas e políticas, e até mesmo guerras. Durante o século XX, 44 milhões de pessoas morreram em virtude de fome provocada pelo ser humano.<sup>15</sup> Por exemplo, em muitos países da África subsaariana, assolados por conflitos civis crônicos, é quase impossível plantar e cuidar dos campos, pois hordas de refugiados famintos, milícias e soldados malpagos constantemente atacam as plantações.

<sup>14</sup> Hunger Project, 2003; ver também Swaminathan.

<sup>15</sup> Hunger Project; ver também White, M. *Historical atlas of the twentieth century*, 2001. <http://users.erols.com/mwhite28/20centry.htm>.

Outro problema é que milhões de acres na África, Ásia e América Latina, antes utilizados para agricultura de subsistência, deram lugar ao cultivo para exportação. Isso vem enriquecendo os membros das classes sociais da elite nessas regiões, enquanto satisfaz o apetite das pessoas dos países desenvolvidos por café, chá, chocolate, bananas e carne bovina. Aqueles que utilizavam a terra para o próprio sustento foram realocados, ou para áreas urbanas, nas quais, de modo frequente, não há emprego, ou para áreas ecologicamente inadequadas para agricultura.

Na África, como essas terras são com frequência ocupadas sazonalmente por pastores nômades, o cultivo permanente reduziu as áreas de pastagem para os animais, fazendo com que perdessem a capacidade de sustentá-los. O aumento das áreas desmatadas para agricultura, aliado à falta de capacidade de sustentar os animais, provocou o esgotamento do solo e da água, com consequências desastrosas para os pastores nômades e para os agricultores. Desse modo, mais de 250 milhões de pessoas não conseguem mais cultivar os campos e 1 bilhão, em cem países, correm o risco de perder a capacidade de cultivo.<sup>16</sup>

### Poluição e aquecimento global

O impacto da poluição sobre as pessoas e o meio ambiente é outro aspecto importante da violência estrutural, provocado pelos países mais poderosos do mundo, que são os maiores produtores e consumidores de energia. Nos últimos 200 anos, o desenvolvimento cultural global depende da queima de quantidades cada vez maiores de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás), que tem provocado resultados terríveis: o desmatamento e a desertificação maciça, a poluição severa do ar, da água e do solo agora ameaçam a saúde de todas as formas de vida. Os combustíveis fósseis aumentaram dramaticamente os níveis de dióxido de carbono, aprisionando mais calor na atmosfera da Terra.

A maior parte dos cientistas atmosféricos acredita que a eficiência da atmosfera para reter calor – o chamado efeito estufa – está sendo afetada pelo aumento de dióxido de carbono, metano e outros gases produzidos pelas atividades industriais e agrícolas. O resultado, um período de aquecimento global, ameaça mudar dramaticamente o clima em todas as partes do mundo.

O aumento das temperaturas está provocando tempestades, secas e ondas de calor em maior número e com mais intensidade, devastando as populações que habitam áreas vulneráveis. E, se a calota polar do Ártico continuar a derreter, o aumento do nível do mar vai inundar as áreas costeiras mais baixas em todo o mundo. Ilhas inteiras podem desaparecer, incluindo milhares de vilas e mesmo grandes cidades.

Os especialistas também pressupõem que o aquecimento global vai provocar a expansão do alcance geográfico de doenças tropicais e o aumento da incidência de doenças respiratórias, devido ao *smog* fotoquímico causado por temperaturas mais altas. Além disso, eles também preveem o aumento de mortes provocadas por ondas de calor, como as 52 mil atribuídas à onda de calor na Europa, em 2003.<sup>17</sup>

Em especial, desde o início da Revolução Industrial, há quase dois séculos, as sociedades começaram a sofrer os efeitos negativos da degradação ambiental. Grande parte dela é provocada pela produção cada vez maior de lixo não degradável e de emissões tóxicas no solo, na água e no ar. Até recentemente, grande parte dessa poluição era oficialmente tolerada em benefício da maximização dos lucros que favorecia, em especial determinados indivíduos, grupos e sociedades. No momento,

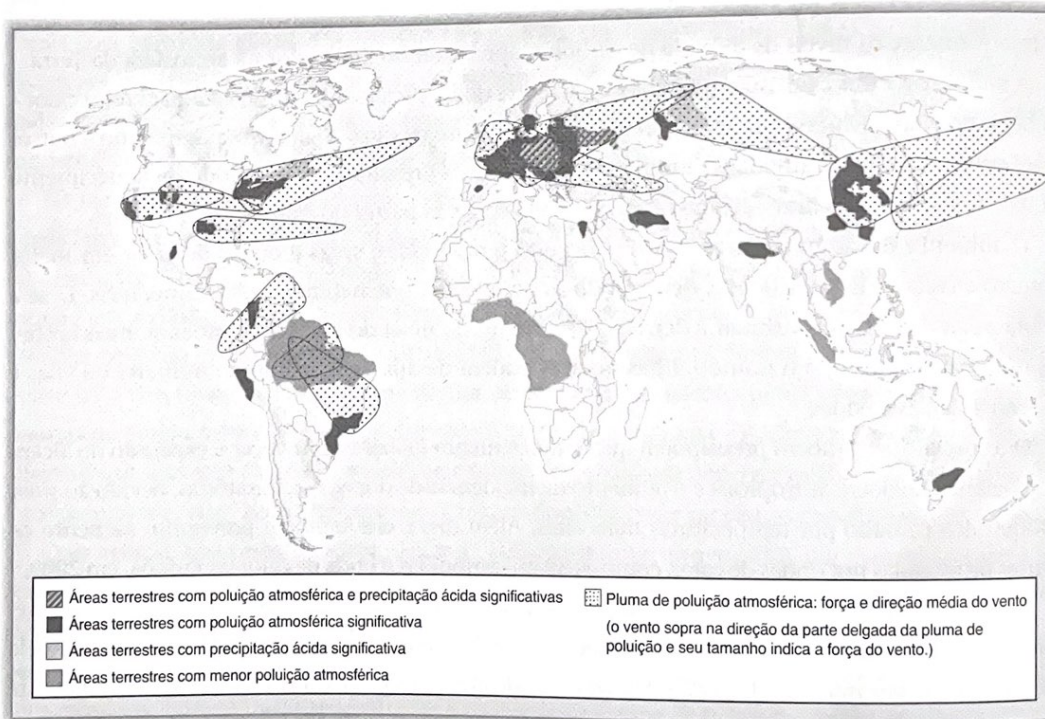
<sup>16</sup> Godfrey, T. Biotech threatening biodiversity. *Burlington Free Press*, n. 10A, 27 dez. 2000.

<sup>17</sup> Larsen, J. *Setting the record straight*. Earth Policy Institute, Eco-economy updates. 28 jul. 2006.

as indústrias, em muitas regiões, produzem lixo altamente tóxico em velocidades sem precedentes. Agentes poluidores, como vários óxidos de nitrogênio ou de enxofre, causam o desenvolvimento da precipitação ácida, que danifica o solo, a vegetação e a vida selvagem. A poluição do ar, na forma de *smog* fotoquímico, é perigosa para a saúde humana.

Além disso, é evidente que os gases liberados pelas indústrias estão relacionados à chuva ácida, que danifica lagos e florestas em toda a região nordeste da América do Norte. O ar que contém vapor de água com alto teor de ácido é, naturalmente, prejudicial para os pulmões, mas o perigo para a saúde é bem maior. À medida que as águas subterrâneas e de superfície se tornam mais ácidas, a solubilidade do chumbo, cádmio, mercúrio e alumínio, todos tóxicos, aumenta drasticamente. Por exemplo, em 17% das terras agrícolas do mundo, a contaminação por alumínio é tão alta que é tóxica para as plantas – e tem sido relacionada à demência senil, mal de Alzheimer e doença de Parkinson, três grandes problemas de saúde em países industrializados.

Ao atingir os oceanos, as substâncias tóxicas também se tornam perigosas para os consumidores de frutos do mar. Por exemplo, os inuítes do Canadá enfrentam problemas de saúde relacionados à ingestão de peixes e mamíferos marinhos que se alimentam em águas contaminadas por lixo químico industrial, como o bifenilpoliclorado (PCB) (ver, "Conexão Biocultural").<sup>18</sup> Obviamente, o envenenamento ambiental afeta pessoas em todo o globo (Figura 16.3). Também preocupantes são os elementos químicos prejudiciais presentes nos plásticos empregados para fabricar garrafas de água, mamadeiras e revestimento de latas, como já foi discutido no Capítulo 7.



**Figura 16.3 Poluição global**

Fonte: *Student Atlas of Anthropology*, por J. L. e A. C. Shalinsky, p. 123. © 2003 McGraw-Hill/Duskin Publishing.

<sup>18</sup> Godfrey, T. Biotech threatening biodiversity. *Burlington Free Press*, n. 10A, 27 dez. 2000.

## Conexão Biocultural

### Leite materno tóxico ameaça as culturas do Ártico

Quando pedem que imagine o povo inuíte que habita a costa do Ártico no Canadá, Groenlândia e Labrador, você provavelmente pensa em pessoas com casacos pesados, que se movimentam em trenós por uma região selvagem coberta de gelo, talvez voltando de alguma expedição de caça a focas, morsas ou baleias.

Essas imagens ainda existem, exceto a parte selvagem. Embora os inuítes vivam mais próximos do Polo Norte que de qualquer cidade, fábrica ou fazenda, eles não estão protegidos da poluição das sociedades modernas. Os produtos químicos que se originam nas cidades e nas fazendas da América do Norte, Europa e Ásia são transportados por milhares de quilômetros até os territórios dos inuítes, através dos ventos, rios e correntes oceânicas. Essas toxinas têm vida longa no Ártico, quebrando-se lentamente por causa das temperaturas congelantes e da pouca luz solar. Ingeridos pelo zooplâncton, esses produtos químicos se espalham na cadeia alimentar marinha à medida que uma espécie consome a outra. O resultado são níveis alarmantes de pesticidas, mercúrio e produtos químicos industriais nos animais e no povo inuíte que depende da caça e da pesca para se alimentar.

Entre eles deve-se destacar o produto chamado bifenilpoliclorado, PCB, usado amplamente durante várias décadas para inúmeras finalidades, como lubrificante industrial, material de isolamento e estabilizador de tintas. Pesquisas mostram a presença do PCB no leite materno de mulheres em todo o mundo. Mas em nenhum outro lugar a concentração é tão alta quanto entre as mulheres inuítes – em média, sete vezes mais que as mulheres das maiores cidades do Canadá.<sup>a</sup>

O PCB tem sido ligado a vários problemas de saúde, como danos no fígado, enfraquecimento do sistema imunológico e câncer. Os estudos sobre crianças expostas ao PCB, ainda no período da gestação e durante a amamentação, revelam problemas de aprendizagem e das funções da memória. Além de ter impacto destrutivo na saúde do ser humano (e de outras espécies animais), o PCB está afetando a economia, a organização social e o bem-estar psicológico dos povos do Ártico. E nenhum grupo foi tão afetado quanto os 450 inuítes que vivem na Ilha Broughton, perto da Ilha Baffin, no Canadá. Lá, a notícia dos altos níveis de PCB custou à comunidade o valioso mercado do salmão. Outros inuítes os chamam “povo do PCB” e dizem que os homens agora evitam se casar com as mulheres da ilha.<sup>b</sup>

A sugestão de que a resposta para esses problemas é a mudança na dieta é completamente rejeitada pelos inuítes, que não têm alternativas reais para alimentos mais baratos. Abandonar o consumo tradicional de frutos do mar destruiria uma cultura de 4.000 anos baseada na caça e na pesca. Muitos aspectos da cultura inuíte tradicional – a visão de mundo, os arranjos sociais, o vocabulário e os mitos – estão relacionados aos animais do Ártico e às habilidades necessárias para depender deles como alimento e muitos outros aspectos. Como afirma um deles: “Nossa comida faz mais que nutrir o corpo. Ela alimenta nossa alma. Quando como alimentos inuítes, sei quem sou”<sup>c</sup>

<sup>a</sup> Colborn, T. et al. *Our stolen future*. Nova York: Plume (Penguin Books), 1997. p. 107-108.

<sup>b</sup> AMAP. *AMAP assessment 2002: human health in the Arctic*. Oslo: Arctic Monitoring Assessment Project, 2003. p. 22-23.

<sup>c</sup> Ingmar Egede, citado em Cone, M. *Silent snow: the slow poisoning of the Arctic*. Nova York: Grove Press, 2005. p. 1.

A produção de PCB agora é proibida em muitos países do Ocidente (até nos Estados Unidos), e seus níveis estão diminuindo gradualmente em todo o mundo. Entretanto, devido à persistência (e à presença em produtos industriais remanescentes, como artefatos de iluminação fluorescente e equipamentos elétricos), ainda é a toxina que apresenta concentração mais alta no leite materno, inclusive entre mulheres que nasceram após sua proibição.

Mesmo com a diminuição do PCB, outros produtos químicos comerciais estão chegando ao Ártico. Até o momento, cerca de 200 compostos tóxicos provenientes de regiões industrializadas foram detectados no organismo de pessoas do Ártico.<sup>d</sup> O aquecimento global está acelerando o problema, pois à medida que as geleiras e a neve derretem, as toxinas armazenadas há muito tempo são liberadas.

<sup>d</sup> Fontes adicionais: Johansen, B. E. The Inuit's struggle with dioxins and other organic pollutants. *The American Indian Quarterly*, n. 26, v. 3, p. 479-490, 2002; Natural Resources Defense Council. *Healthy milk, healthy baby: chemical pollution and mother's milk*. 25 mar. 2005. [www.NRDC.org](http://www.NRDC.org); Williams, F. Toxic breast milk? *New York Times Magazine*, 9 jan. 2005.

A violência estrutural também se manifesta na mudança da produção e descarte de lixo tóxico dos países desenvolvidos naqueles em desenvolvimento. No fim da década de 1980, o rigor da legislação ambiental nos países industrializados provocou o aumento dramático no custo do descarte do lixo tóxico. Buscando novas formas de descarte, os “comerciantes de tóxicos” começaram a enviar os resíduos para o leste da Europa e principalmente para países pobres e subdesenvolvidos no oeste da África, transferindo os riscos de saúde da carga venenosa para as pessoas mais pobres do planeta.

Quando esse fato se tornou público, o ultraje internacional provocou a elaboração e a adoção da Convenção de Basel para proibir a exportação de lixo tóxico e minimizar sua geração. Atualmente, o objetivo da convenção está severamente limitado pelo fato de os Estados Unidos, o maior produtor mundial de resíduos tóxicos, não terem ratificado o acordo.<sup>19</sup> Além disso, empresários inescrupulosos e autoridades corruptas dos governos de países pobres que recebem esse lixo encontraram formas de evitar as obrigações do tratado.

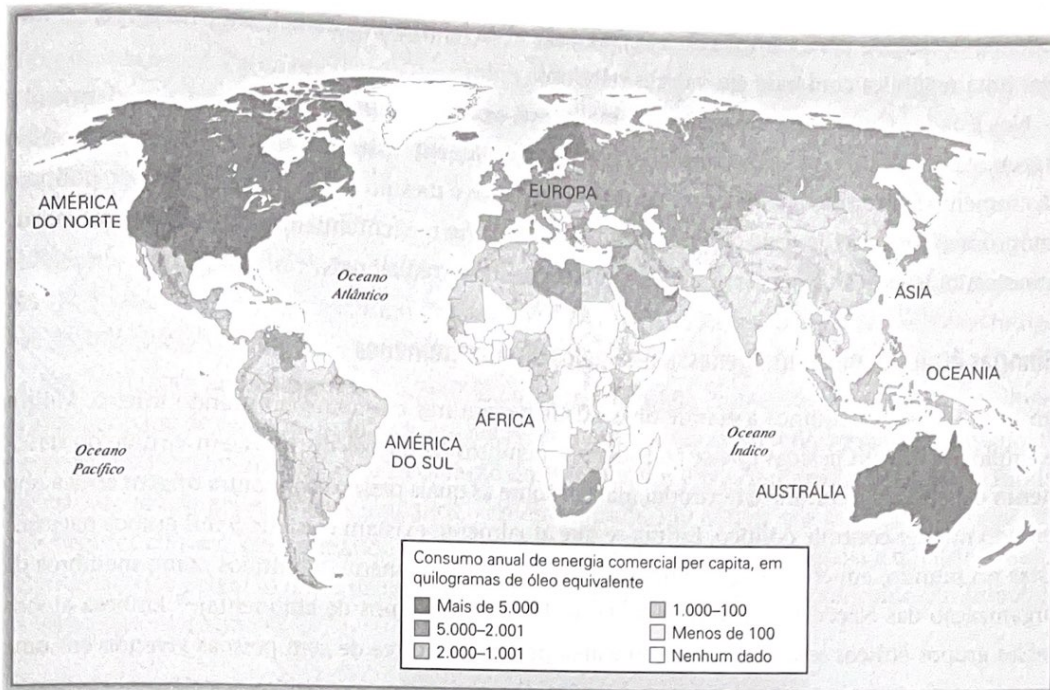
Uma vez que existe a consciência geral das causas e perigos da poluição e do aquecimento global, por que a espécie humana como um todo não se compromete em controlar as práticas que afligem a própria casa? Parte da resposta está nas tradições filosóficas e teológicas. Como vimos no capítulo sobre política, as sociedades industrializadas do Ocidente aceitam a afirmação bíblica (também encontrada no Alcorão) do domínio humano sobre a Terra, interpretando que é sua tarefa subjugar-la e controlá-la, assim como todos os seus habitantes. Essas sociedades são as que mais contribuem para a poluição global. Por exemplo, em média, um norte-americano consome centenas de vezes os recursos de um único africano, com todas as implicações no que diz respeito a descarte de lixo e degradação ambiental (Figura 16.4). Além disso, cada pessoa na América do Norte libera, em média, 20 toneladas de dióxido de carbono (um dos gases do efeito estufa) por ano na atmosfera.

Nos países “subdesenvolvidos”, são emitidas menos de 3 toneladas por pessoa.<sup>20</sup> De acordo com o botânico Peter Raven, “se todos vivessem como os norte-americanos, seriam necessários três planetas Terra [...] para sustentar esse nível de consumo”.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Tráfico de lixo tóxico. [www.Choike.org](http://www.Choike.org).

<sup>20</sup> Broecker, W. S. Global warming on trial. *Natural History*, n.14, abr. 1992.

<sup>21</sup> Citado em Becker, J. *National Geographic*, v. 90, mar. 2004.



**Figura 16.4 Consumo global de energia**

Muitos dos maiores consumidores de energia estão na América do Norte e na Europa Ocidental, onde pelo menos 100 gigajoules de energia comercial por ano são consumidos por pessoa. (Um gigajoule equivale a aproximadamente 3,5 toneladas métricas de carvão.) Em alguns desses países, como os Estados Unidos e o Canadá, as taxas de consumo estão na faixa de 300 gigajoules. No outro extremo da escala, estão os países de baixa renda, cujas taxas de consumo geralmente equivalem a menos de 1% das dos Estados Unidos. (Os números não incluem o consumo de energia não comercial – o combustível tradicional de lenha, esterco animal e outros materiais orgânicos amplamente usados em áreas menos desenvolvidas.)

Fonte: *Student Atlas of Anthropology*, por J. L. e A. C. Shalinsky, p.126. © 2004, McGraw-Hill/Duskin Publishing.

## REAÇÕES À GLOBALIZAÇÃO

Mesmo que um estado ou corporação dominante combine poder duro e brando com eficácia, a globalização vai enfrentar oposição. Há focos de resistência nos países industriais e pós-industriais ricos, assim como em todas as partes do mundo. Essa resistência pode se manifestar no aumento do tradicionalismo e de movimentos de revitalização – tentativas para fazer a vida voltar ao que era (ou ao que as pessoas acreditam que era) antes do desequilíbrio ou abalo da ordem familiar. Alguns desses movimentos reacionários podem acontecer como etnonacionalismo ressurgente ou movimentos religiosos fundamentalistas. Outros podem se expressar através de movimentos alternativos de origem popular, como grupos ambientalistas radicais ou grupos que lutam pela paz.

Embora seja verdade que os estados e as grandes corporações tenham expandido seu poder e influência por meio das tecnologias eletrônicas de comunicação, também é verdade que essas mesmas tecnologias oferecem oportunidades para grupos e indivíduos que tradicionalmente não têm poder. Elas apresentam meios para distribuir informações e promover atividades distintas das da sociedade dominante, ou que estão em oposição a elas.

Um caso impressionante de reação cultural à globalização é o Talibã, grupo fundamentalista islâmico, no Afeganistão. O Talibã (palavra *pachto* para “aluno”, especificamente do Islã) ajudou a expulsar o exército russo de seu país e a acabar com a subsequente guerra civil. Então assumiu o

poder na década de 1990 e impôs uma versão radical da lei islâmica tradicional (sharia) para tentar criar uma república com base em valores religiosos rígidos.

Nos Estados Unidos, há uma reação semelhante, porém menos radical, contra a modernidade. O grupo "Born again" (renascer) e outros cidadãos fundamentalistas tentam moldar ou transformar não somente as próprias cidades, mas também os estados e mesmo o país inteiro, elegendo políticos comprometidos em criar uma cultura nacional baseada no que entendem como patriotismo norte-americano, legislação apenas em inglês e valores cristãos tradicionais.<sup>22</sup>

### Minorias étnicas e povos indígenas: a luta pelos direitos humanos

Em todo o livro, discutimos a grande diversidade de culturas existentes no mundo inteiro. Muitos exemplos envolvem pessoas que se consideram membros de nações distintas, em virtude do nascimento e da herança cultural e territorial, nações sobre as quais pessoas com outra origem étnica têm tentado manter controle político. Estima-se que atualmente existam cerca de 5 mil grupos nacionalistas no mundo, em comparação a meros 192 estados formalmente admitidos como membros da Organização das Nações Unidas (na década de 1940 eram menos de cinquenta).<sup>23</sup> Embora alguns desses grupos étnicos tenham população e área pequenas – cerca de cem pessoas vivendo em uma pequena área –, muitos outros são bem grandes. O povo karen, que habita a região sul de Burma (Míamar), por exemplo, tem entre 4,5 a 5 milhões de pessoas, excedendo a população de quase metade dos países do mundo. E os curdos, que vivem na Turquia, Irã e Iraque, chegam a quase 30 milhões.

As reações desses grupos à anexação e à dominação forçadas por regimes de estados controlados por pessoas de outras nações variam da não violência dos saami, na Escandinávia, dos inuítes de Nunavut, no norte do Canadá, ou dos maoris, na Nova Zelândia, a lutas sangrentas pela independência nacional dos separatistas bascos, na Espanha, dos karen na região leste de Burma, dos chechenos, no sul da Rússia, ou dos palestinos, no Oriente Médio. Na busca por autodeterminação, autonomia nacional, independência ou quaisquer que sejam os objetivos políticos, muitas lutas ocorrem há anos, ou mesmo décadas.

Desde meados do século XX, instituições globais como as Nações Unidas vêm tentando controlar o problema de discriminação, repressão e crimes contra a humanidade, em particular o genocídio. Por

exemplo, embora nem sempre consiga ter influência, o Pacto dos Direitos Humanos da Assembleia Geral da ONU, de 1966, afirma inequivocamente:

#### GLOSSÁRIO

**migração interna** Movimento dentro dos limites territoriais de um país.

**migração externa** Movimento de um país para outro; pode ser voluntária (envolve pessoas que buscam melhores condições de vida e oportunidades), involuntária (envolve escravos ou prisioneiros, ou aqueles que se afastaram da terra natal em virtude de guerras, problemas políticos, perseguição religiosa ou desastres ambientais), ou imposta (não totalmente forçada, mas aconselhável pelas circunstâncias).

Nos estados em que existam minorias étnicas, religiosas ou linguísticas, as pessoas que pertencem a essas minorias não devem ser privadas do direito de terem em comum, com os outros membros de seu grupo, sua própria vida cultural, de professar e de praticar a própria religião ou de empregar a própria língua.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Marsella, J. Pulling it together: Discussion and comments. In: Pastner, S.; Haviland, W. A. (Eds.) *Confronting the creationists. Northeastern Anthropological Association, Occasional Proceedings*, n. 1, p. 79-80, 1982.

<sup>23</sup> *Cultural Survival Quarterly*, n. 15, v. 4, p. 38, 1992.

<sup>24</sup> Citado em Bodley, J. H. *Victims of progress*. 3. ed. Mountain View: Mayfield, 1990. p. 99.



Esse acordo se aplica não só a minorias, mas também a povos indígenas de todo o mundo, que compõem cerca de 5% da população humana. Quase todos os grupos indígenas são nações relativamente pequenas. De modo típico, sofreram repressão ou discriminação por parte de outros grupos, etnicamente diferentes, mais poderosos e quase sempre com maior população, que conseguiram controlar sua terra ancestral.

No início da década de 1970, os povos indígenas começaram a organizar movimentos de autodeterminação, resistindo à aculturação e enfrentando as violações de seus direitos humanos. Em 1975, organizando-se internacionalmente, estabeleceram o Conselho Mundial de Povos Indígenas (World Council of Indigenous Peoples – WCIP).

Em 2007, após muitos anos de campanhas populares na mídia, influência política e pressão diplomática por parte de centenas de líderes indígenas e de outros ativistas em todo o mundo, a Assembleia Geral da ONU finalmente adotou a Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas. Documento fundador na luta global pelos direitos humanos, contém cerca de 150 artigos que estabelecem o respeito pela herança cultural, determinando o reconhecimento oficial das terras indígenas e direitos de autodeterminação, e exigindo o fim de todas as formas de opressão e discriminação, como um princípio da legislação internacional.

### **Migrações globais: refugiados, migrantes e comunidades de diáspora**

Tanto o poder estrutural como a violência estrutural podem estar envolvidos nas migrações. Em toda a história humana, indivíduos, famílias e, às vezes, comunidades inteiras migraram em busca de alimentos, segurança e oportunidades. As migrações sempre tiveram efeito significativo na geografia social mundial, contribuindo para mudanças culturais e desenvolvimento, para a difusão de ideias e de inovações e para a mistura complexa de povos e culturas.

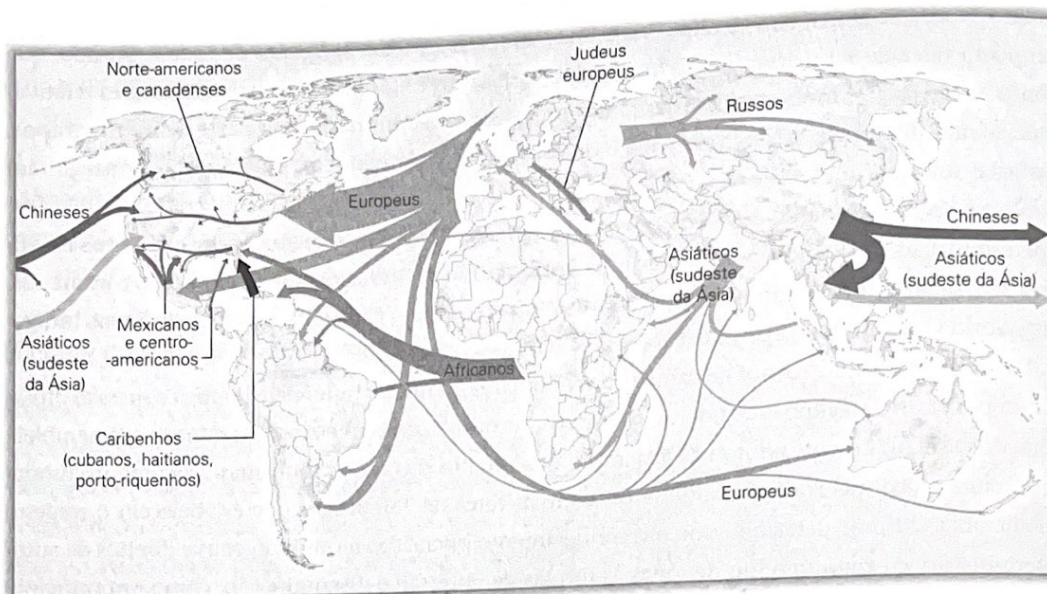
A **migração interna** ocorre dentro dos limites territoriais de um país. Em geral incapazes de se sustentar nas regiões rurais, as pessoas continuam a se mudar para grandes áreas urbanas em busca de uma vida melhor, em todo o mundo. Com muita frequência, vivem em lugares pobres, repletos de gente e de doenças, enquanto tentam conseguir o que geralmente está fora de seu alcance.

A **migração externa** é a mudança de um país para outro. Pode ser *voluntária* (envolve pessoas que buscam melhores condições de vida e oportunidades), mas com frequência pode ser *involuntária*, *forçada* ou *imposta* (envolve escravos ou prisioneiros, ou aqueles que se afastaram da terra natal em virtude de guerras, problemas políticos, perseguição religiosa ou desastres ambientais) (Figura 16.5).

Atualmente, cerca de 35 milhões de pessoas em quase metade dos países do mundo se deslocaram internamente ou atravessaram fronteiras internacionais como refugiados.

Destas, aproximadamente 9 milhões foram forçadas a sair do país, a maioria sofre em acampamentos improvisados, nos quais não consegue se sustentar. Em alguns casos, grande parte da população de um grupo étnico é forçada a abandonar a própria casa para não morrer. Por exemplo, quase 18 milhões de africanos estão atualmente sem raízes. Apenas no Sudão, assolado pela guerra, mais de 2,5 milhões de pessoas foram obrigadas a abandonar tudo.

Além desses deslocamentos forçados, dezenas de milhares de pessoas migram para países ricos todo ano em busca de trabalho assalariado e um futuro melhor para si e para os filhos. Enquanto muitos atravessam as fronteiras internacionais como imigrantes legais, tentando conseguir permissão de trabalho e, por fim, cidadania na nova terra, números incontáveis são ilegais e não têm muitos direitos e benefícios importantes.



**Figura 16.5 Migrações em todo o mundo**

As migrações tiveram e continuam a ter efeito significativo na geografia social mundial, contribuindo para mudanças culturais e desenvolvimento, para a difusão de ideias e de inovações e para a mistura complexa de povos e culturas. A migração interna ocorre dentro dos limites territoriais de um país. A migração externa, ilustrada no mapa, é o movimento de pessoas de um país, ou região, para outro.

Fonte: *Student Atlas of Anthropology*, por J. L. e A. C. Shalinsky, p. 73. © 2003 McGraw-Hill/Duskin Publishing.

Legalmente ou não, muitos desses imigrantes enfrentam grandes desafios como recém-chegados pobres a essas sociedades, principalmente porque são vítimas de racismo e discriminação. Como consequência, muitos formam ou participam de comunidades de pessoas que vieram da mesma parte do mundo. Os transportes e a tecnologia de telecomunicações modernos permitem que essas *comunidades de diáspora*, que existem em todo o mundo, mantenham contato com os parentes e amigos que se estabeleceram em outros lugares, e também com o país de origem. Um indicador desse aspecto da globalização é que, atualmente, no mínimo 175 milhões de pessoas (2,5% da população mundial) vivem fora do país onde nasceram, não como refugiados ou imigrantes, mas como transnacionais que ganham a vida em um país, enquanto continuam a ser cidadãos de outro.

Um aspecto fascinante desse movimento global é a transferência eletrônica de dinheiro, na forma de remessas para parentes e amigos que ainda vivem nas vilas e cidades de origem. Por exemplo, os mexicanos que trabalham nos Estados Unidos enviam aproximadamente 25 bilhões de dólares de suas economias através de empresas de transferência financeira, como a Western Union, bancos e cartões de crédito internacionais. Sem esses pagamentos, muitas comunidades locais, em todo o México, enfrentariam sérios problemas econômicos. Mundialmente, as remessas somam em torno de 250 bilhões de dólares ao ano.<sup>25</sup>

Nas últimas décadas, a migração em massa entre fronteiras internacionais mudou dramaticamente a composição étnica de sociedades afluentes na Europa Ocidental e na América do Norte. Por

<sup>25</sup> [http://econ.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTDEC/EXTDECPROSPECTS/0,contentMDK:21121930--menuPK:3145470--pagePK:64165401~piPK:64165026~theSitePK:47688\\_3,00.html](http://econ.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/EXTDEC/EXTDECPROSPECTS/0,contentMDK:21121930--menuPK:3145470--pagePK:64165401~piPK:64165026~theSitePK:47688_3,00.html).

exemplo, há pelo menos 1,5 milhão de africanos vivendo nos Estados Unidos, dos quais cerca de 500 mil apenas na região da grande Nova York. Aproximadamente 1,5 milhão de africanos e outros 2 milhões de pessoas de outras partes do mundo, especialmente de antigas colônias, agora vivem na França. A Inglaterra abriga mais de 1,5 milhão de cidadãos do sul da Ásia, mais 1,3 milhão de descendência africana, que vêm principalmente das antigas colônias britânicas. E quase 2,5 milhões de pessoas de origem turca agora residem no oeste da Alemanha. Embora os migrantes possam sofrer dificuldades, desapontamento e às vezes não ter sucesso no novo país, aqueles que continuam presos na terra natal repleta de problemas com frequência se deparam com desafios piores: desnutrição, fome, doenças crônicas e violência, o que resulta em baixa expectativa de vida para muitos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como definimos no Capítulo 1, a antropologia é o estudo comparativo da humanidade, em todo lugar e através do tempo. Tenta produzir conhecimento verdadeiro e fundamentado sobre povos e culturas diferentes, suas ideias e comportamentos. Desde o início da disciplina, em meados do século XIX, várias gerações de antropólogos já estudaram nossa espécie em todas as suas variações culturais e biológicas. Nesse processo, descreveram com detalhes um grande número e variação da biologia humana, de crenças e práticas. Também coletaram um volume surpreendente de artefatos etnográficos, documentaram e registraram sons e imagens de centenas de culturas diferentes. Atualmente, muitas das culturas estudadas pelos primeiros antropólogos, há mais de um século, mudaram profundamente em resposta à poderosa influência externa e à dinâmica interna. Outras desapareceram, como resultado de epidemias mortais, conflitos violentos, aculturação, etnocídio ou genocídio. Com frequência, os únicos registros detalhados que restam sobre essas culturas alteradas e que desapareceram são aqueles que algum antropólogo que as visitou conseguiu documentar antes que fosse tarde demais.

No entanto, o antropólogo faz muito mais que apenas preservar informações preciosas sobre povos e culturas distintos. Como relatamos nas páginas deste livro, ele também tenta explicar por que as culturas são similares ou diferentes, por que e como mudaram ou não. Além disso, tenta identificar o conhecimento e a percepção específica de cada cultura sobre a condição humana, até visões contrastantes sobre o lugar da humanidade no mundo, como os recursos naturais são usados e tratados e como é a relação dos homens entre si e com outras espécies.

O antropólogo é treinado para entender e explicar aspectos e processos econômicos, sociais, políticos, ideológicos, biológicos e ambientais como parte de sistemas dinâmicos inter-relacionados. Os conceitos teóricos, como poder e violência estrutural, ilustram de que forma esses fenômenos se relacionam e são interdependentes. A perspectiva antropológica sobre comunidades locais na era da globalização proporciona contribuições importantes para o entendimento de problemas inquietantes, como superpopulação, pobreza, escassez de alimentos, destruição ambiental e doenças. O valor dessa perspectiva vem sendo confirmado por organizações internacionais que agora empregam antropólogos, os quais podem oferecer essa visão profissional. Por exemplo, após uma série de projetos de desenvolvimento mal concebidos e mal dirigidos que mais afetaram do que ajudaram as populações locais, o Banco Mundial contratou dezenas de antropólogos para participar de projetos em todo o mundo. Pode-se afirmar o mesmo sobre outras organizações internacionais, assim como sobre algumas corporações globais e órgãos governamentais.

Alguns antropólogos, além de estudar as culturas diferentes, também ajudam grupos acoitados que lutam para sobreviver no mundo atual em que as mudanças são tão rápidas. Ao fazer isso, eles tentam colocar em prática o próprio conhecimento sobre a humanidade, aprofundado através da perspectiva comparativa da antropologia, com informações transculturais, históricas e biológicas.

A ideia de que a pesquisa antropológica é por si só fascinante e também tem potencial para ajudar a resolver problemas práticos em níveis locais e globais atraiu e continua a atrair um grupo de pessoas singulares para a disciplina. Muitas são inspiradas pela ideia antiga, mas ainda válida, de que a antropologia deve viver seu ideal como a ciência mais liberal. Como afirmou a antropóloga Margaret Mead, "Nunca duvide de que um pequeno grupo de pessoas comprometidas possa mudar o mundo; na verdade, isso sempre aconteceu".

### Resumo do capítulo

- A modernização (um processo amplo de mudanças econômicas, através do qual as sociedades em desenvolvimento adquirem algumas características políticas e sociais comuns das sociedades industriais ocidentais) apresenta cinco subprocessos: desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento agrícola, urbanização, industrialização e telecomunicações. Atualmente observamos um processo mundial de modernização acelerada conhecido como globalização, no qual todas as partes da Terra estão se interconectando em um amplo sistema inter-relacionado e abrangente.
- Algumas pessoas acreditam que o desenvolvimento rápido nas comunicações, nos transportes e no comércio mundial está direcionando para uma única cultura mundial que poderia diminuir as chances de conflitos. A maior parte dos antropólogos não acredita nisso, porque as pesquisas comparativas, históricas e transculturais mostram a persistência de visões de mundo distintas e a tendência de divisão de grandes estados multiétnicos.
- A tensão étnica, comum em sociedades pluralistas, às vezes se torna violenta, provocando a separação formal. Para gerenciar a diversidade cultural nessas sociedades, alguns países adotaram o multiculturalismo, uma política pública oficial de respeito mútuo e tolerância pelas diferenças culturais.
- O poder estrutural se refere às forças globais que direcionam as instituições políticas e econômicas e moldam as ideias e valores públicos. Poder duro (*hard power*) tem o apoio de forças militares e econômicas; poder brando (*soft power*) é a persuasão ideológica. As maiores corporações do mundo estão quase sempre concentradas em um pequeno grupo de estados ricos e poderosos, que também dominam o comércio internacional e as organizações financeiras.
- As corporações globais, que atravessam as fronteiras internacionais, são uma poderosa força para a integração mundial, apesar das diferenças políticas, linguísticas, religiosas e culturais que separam as pessoas. Sua riqueza e poder, que geralmente excedem os de alguns governos nacionais, têm aumentado dramaticamente através da expansão da mídia. Como principais agentes do processo de globalização, essas megacorporações têm enorme influência sobre as ideias e comportamentos de centenas de milhões de pessoas em todo o mundo. Em busca de riqueza e poder, estados e corporações agora competem por recursos naturais cada vez mais escassos, mão de obra barata, novos mercados comerciais e lucros cada vez maiores, em uma imensa arena política que abrange o mundo inteiro.

- A globalização oferece lucros gigantescos para as grandes corporações, mas geralmente devasta muitas culturas tradicionais e rompe padrões de organização social há muito estabelecidos. Através do poder de atração ideológica e cultural (poder brando), a globalização é comercializada como algo positivo e progressivo para todos, mas os pobres ficam cada vez mais pobres e os ricos, cada vez mais ricos. A globalização também gera resistência mundial contra a dominação das superpotências. Por esse motivo, o sistema mundial emergente é inerentemente instável, vulnerável e imprevisível.
- Determinado resultado da globalização é a violência estrutural mundial crescente – dano físico e/ou psicológico (incluindo repressão, destruição ambiental e cultural, pobreza, fome e obesidade, doenças e morte prematura) provocado por sistemas econômicos, políticos e sociais impessoais, exploradores e injustos.
- As reações contra a violência estrutural gerada pela globalização incluem o aumento do tradicionalismo e de movimentos de revitalização – tentativas para fazer a vida voltar ao que era (ou ao que as pessoas acreditam que era) antes do desequilíbrio ou abalo da ordem familiar. Elas podem acontecer como etnonacionalismo ressurgente ou movimentos religiosos fundamentalistas.
- Tanto o poder estrutural como a violência estrutural podem ser importantes na migração humana. A migração interna ocorre dentro dos limites territoriais de um país. Em geral incapazes de se sustentar nas regiões rurais, as pessoas continuam a se mudar para grandes áreas urbanas em busca de uma vida melhor, em todo o mundo. A migração externa é a mudança de um país para outro; pode ser voluntária, involuntária ou imposta.
- Algumas mudanças dramáticas nos valores e nas motivações culturais, assim como nas instituições sociais e nos tipos de tecnologia que empregamos, são necessárias se o ser humano pretende deixar um futuro sustentável para as futuras gerações. A ênfase exagerada no consumismo e nos interesses individuais, tão característica dos países afluentes, precisa ser abandonada em favor de uma ética social e ambiental mais equilibrada. Treinado naquela que vem sendo chamada de a mais liberal das ciências, o antropólogo tem uma contribuição a fazer para provocar essa mudança. Ele conhece muito bem os perigos do pensamento limitado pela cultura e oferece uma perspectiva histórico-comparativa e biocultural holística ao desafio de entender e equilibrar as necessidades e desejos, às vezes conflitantes, de comunidades locais na era da globalização.

### Questões para refletir

1. Quando as sociedades se envolvem no processo de modernização, todos os níveis do sistema cultural são afetados por essas mudanças. Você acredita que as pessoas têm plena consciência das consequências no longo prazo das mudanças que elas mesmas aceitaram? Cite algum exemplo de mudança imprevista em sua comunidade ou bairro.
2. Não importa até que ponto os povos de todo o mundo estejam divididos sobre questões econômicas, políticas e ideológicas, todos enfrentam o desafio coletivo de manter a integridade do planeta de que dependem para sobreviver. Você acredita que pessoas como você podem influenciar o curso atual de destruição ambiental que ameaça todas as espécies, até mesmo a nossa? Quais atitudes precisam ser tomadas individual e coletivamente para lidar com esse assunto?